

POTENCIALIZANDO AS INTERFACES DO ACERVO MULTIMÍDIA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - AMAA

ISABELLA A. GUIMARÃES¹; GABRIELLE REIS FERREIRA²;

LOREDANA RIBEIRO³.

¹Universidade Federal de Pelotas - bellaaquimaraes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - bibilelis18@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – loredana.ribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão AMAA (Acervo Multimídia de Arqueologia e Antropologia) tem por objetivos conjugados a divulgação científica e a instrumentalização da educação crítica, disponibilizando, através de um portal de internet, o www.amaacervos.com.br, textos paradidáticos, mostra de peças arqueológicas, vídeos, planos de aula e ciberexposição. Sua criação foi motivada também por demandas de docentes da rede local de escolas de ensino fundamental e médio que frequentemente procuravam o LEPAARQ/UFPEl (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia) em busca de informações e materiais de apoio ao ensino obrigatório de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, determinados pelas Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008. Nesse sentido, o AMAA tem por vocação a difusão, socialização e o compartilhamento de saberes, vivências e pesquisas, a fim de favorecer a apropriação crítica desses conhecimentos por atores e atorais sociais, evidenciando o lugar da dúvida e dos questionamentos sobre as identidades, os ambientes, a cultura material e o patrimônio.

A prática extensionista do AMAA em 2019 consiste em aplicar e avaliar, junto com escolas locais, os materiais paradidáticos já produzidos e publicados no site no final de 2018. São ações educativas em turmas de ensino fundamental II e médio, compostas por aulas temáticas com recursos audiovisuais e táteis, conduzidas por estudantes do Bacharelado em Antropologia e Arqueologia da UFPEl, amparados pelos planos de aula disponíveis no site. Paralelamente, o AMAA amplia seu acervo para incluir narrativas verbo-visuais, através de imagens digitais/ linguagens virtuais que fluem pela internet, a fim de estimular a criação de uma comunidade de aprendizagem cotidiana.

O AMAA está no ciberespaço de três maneiras, o site, o Facebook e o Instagram. O Facebook é uma rede social na internet que tem como intuito a construção de comunidades virtuais que possam diminuir as distâncias geográficas e a socialização dessas comunidades. Instagram é uma rede social na internet, principalmente visual, de compartilhamento de imagens e vídeos, uma potência em divulgação de imagens possuindo vários recursos diferentes de compartilhamento. Por isso, ambos são vigorosos instrumentos de socialização e democratização de informações, conhecimentos e divulgação científica.

Explorando o potencial das interfaces interativas do projeto AMAA, seu Facebook e o Instagram têm como objetivos a construção de uma comunidade afetiva de aprendizagem e um acervo de imagens digitais e infonarrativas/ linguagens virtuais.

2. METODOLOGIA

Explorando as formas de comunicação nas redes sociais da internet, buscamos diversificar as linguagens e abordagens estabelecidas no plano de comunicação do AMAA através de narrativas verbo-visuais (imagens e palavras, montagens, memes, etc.); imagens digitais (construídas virtualmente); linguagens virtuais (linguagens constituídas online e infonarrativas, informações que fazem parte de uma narrativa, o contexto). Cada espaço de comunicação virtual possibilita uma forma de expressão, com o Facebook permitindo uma variedade maior em relação ao Instagram. No entanto, o Instagram tem maior alcance e interação com o público. O Facebook arquiva textos, links, infonarrativas, narrativas verbo-visuais, linguagens virtuais, imagens digitais e audiovisual completos. O Instagram comporta narrativas verbo-visuais, imagens digitais e audiovisual com até 60s. Uma explicação para o Instagram conseguir mais alcance é o fato dele ser apenas visual. Já o Facebook, por comportar vários tipos de arquivos, pode caracterizar excesso de informação, dificultando a seleção e a reciclagem dos conteúdos.

As temáticas são escolhidas pelo contexto, mais especificamente datas e eventos, durante os quais efetuamos ondas de publicações nas redes sociais, possibilitando maior alcance dos conteúdos postados quando se navega conforme a temática. Por exemplo, nos dias em que ocorreram as marchas das mulheres indígenas e das margaridas, compartilhamos narrativas verbo-visuais, *lives* e vídeos que tinham por intuito a divulgação de informação sobre mulheres indígenas e do campo. A pesquisa online acontece em sites de busca, acervos digitais, blogs, outras redes sociais, sites de reprodução de vídeos. Exemplo: Geledés, Sur21, Índios online, Aya laboratório, Hysteria, Vimeo, Youtube o próprio Instagram e Facebook. Verifica-se a fonte, os conteúdos produzidos e compartilhados, e se há uma coerência nas postagens. As postagens vão ao encontro da proposta do projeto, divulgação científica e instrumentalização da educação crítica.

As publicações também podem ser vistas como arquivamento, já que os conteúdos publicados ficam disponíveis na página do Facebook e no Instagram para livre acesso e à disposição para pesquisa. A partir do uso das # é possível criar um sistema de organização do acervo, como título, temática geradora e as hashtag # da publicação, se for compartilhamento de conteúdo

As publicações são feitas diariamente, na tentativa de acompanhar a *lifestreaming*. Aparecendo na *feednews* das pessoas que seguem a *fanpage* e o Instagram, provocando a prática da interação online, as curtidas, os comentários e compartilhamento dos conteúdos divulgados e do próprio projeto. As interações que mais acontecem são curtidas e compartilhamentos, os comentários são esporádicos e pontuais. As curtidas são termômetros de postagens, nos indicam a aprovação dos conteúdos postados, o compartilhamento são a expansão do nosso discurso enquanto projeto para outras redes, ampliando nossos espaços de alcance. Construindo uma comunidade em rede, uma comunidade afetiva de aprendizagem nas redes sociais

“conceito de comunidade afetiva, indispensável para a aceitação da existência de uma memória coletiva. A convivência em grupos (reais ou imaginários) e a partilha de recordações, sentimentos, gestos e crenças oportuniza a estruturação de comunidades afetivas. Nas redes sociais criadas a partir da CMC [comunicação mediada por computador], em que nodos/atores da rede mantêm contato direto, podemos assertir sobre a existência de comunidades afetivas virtuais.” OLIVEIRA, 2017

Alinhamos as postagens na fanpage AMAA com as temáticas das aulas da semana, explorando outras linguagens e outras perspectivas. Os temas escolhidos para as primeiras ações do ‘AMAA vai às escolas’ foram “Raça e gênero” e “Ocupação indígena na região”. Entre uma aula e outra são postados na fanpage do AMAA no Facebook, textos, fotografias, memes, audiovisuais, enfim, produtos em linguagens virtuais, com estes temas geradores. A composição desses pequenos acervos temáticos, que será divulgada durante as aulas, favorece a internalização por estudantes dos conteúdos propostos, incentiva a leitura e pesquisa crítica de conteúdos digitais. Mostrando os usos das hashtag (#) na página do Facebook do AMAA para encontrar as postagens que também tem a temática #mulheresnegras #povosoriginários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio o plano de comunicação das redes sociais na internet era o compartilhamento de notícias e eventos com temática da Antropologia e Arqueologia. Uma vez na semana produzíamos narrativas verbo-visuais, como memes e gif, para divulgação do projeto e do acervo, sugerindo audiovisuais materiais paradigmáticos do AMAA. Na tentativa de explorar mais as facetas das mídias sociais, esse plano foi se alterando.

Fanpages e Instagram estão estrategicamente localizados nas redes sociais na internet, são núcleos de produção e reprodução contínua de conteúdo que incentivam o engajamento e a interpretação. São lugares virtuais que têm como objetivo as relações plurais, a diversidade de abordagens e linguagens. Na fanpage ou no Instagram do AMAA, é possível encontrar um arquivo de mulheres lésbicas acadêmicas, lista de livros escritos por mulheres negras, um acervo de rap de mulheres brasileiras, lista de mulheres de luta política, músicas com temática antirracista, feminista e queer, live de mulheres indígenas abrindo a marcha das mulheres indígenas, notícias arqueológicas e antropológicas, gif e imagens de materiais arqueológicos e memes. A pluralidade de temáticas e abordagens é fundamental para criação do ambiente de aprendizagem, que leva em consideração diversas formas de vivências, resistências e traz para o diálogo professoras, indígenas, poetisas, escritoras, slammers, etc., tudo na mesma página.

“educação, isto é, uma relação plural e entre iguais, de cumplicidade (...). Educação é o outro nome que se dá a esta relação que só existe e teima em se realizar no plural. É impossível existir educação no singular. Poderá haver outra coisa, instrução ou ensino, mas nunca educação.” Educadores sempre, Tião Rocha.

A interpretação da realidade é construída a partir das relações com os outros, o conhecimento é consequência do processo de diálogo. As redes sociais na internet são redes de relações e, portanto, redes de diálogos. A *feednews* é o ambiente onde a usuária está em contato com suas redes - sejam elas pessoas, páginas, marcas, etc., construindo discursos e realidades a partir da sua interação com as redes. A localização estratégica é olhar para as redes sociais na internet como espaço de aprendizagem e para as *fanpages* e Instagram como redes que compõem o espaço de maneira ativa, mantendo interação diariamente com seu público. Construindo redes afetivas de aprendizagem online, portanto.

Para além da *feednews* as postagens tornam-se arquivamentos na página do Facebook, formando um acervo de imagens digitais e infonarrativas/ linguagens virtuais, disponível para livre acesso.

4. CONCLUSÕES

Com sede no ambiente virtual, podemos pensar o AMAA alinhado às discussões contemporâneas sobre a virtualização da memória e constituição dos patrimônios digitais, como reconhece Oliveira (2017). Enquanto política de preservação, o AMAA entende que compartilhar também é preservar. Isso porque a popularização da internet, pós década de 80, e a criação de sites de redes sociais, mudaram drasticamente a forma como as relações são construídas e continuadas.

A vida segue outro tempo, o tempo da *feednews*, do excesso de informação e da *lifestream*, a vida compartilhada a cada *post*. Assim, a mediação e transformação de técnicas de educação e patrimonialização/musealização necessitam ser revisitadas e adaptadas ao ciber-tempo-espço (OLIVEIRA,2017). A partir disso, se vê a necessidade de transformar os conhecimentos produzidos na academia em conteúdos didáticos e acessíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Priscila Chagas. INTERFACES DA MEMÓRIA SOCIAL: análise do compartilhamento do conjunto de imagens digitais do Acervo Digital Bar Ocidente no Facebook. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

CPCD. Educadores sempre, Tião Rocha. Belo Horizonte (MG), Brasil. Portifólio. Acessado em 14 de setembro. Online. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/portfolio/educadores-sempre/>